

# A história da escabrosa carta de Puebla

D. LUCIANO CABRAL DUARTE

CMP 2.1.7.251

Durante a 2ª Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Puebla (México), de 29/01/79 a 13/02/79, da qual nasceu o importante "Documento de Puebla", que trata da "evangelização no presente e no futuro da América Latina", ocorreu um escândalo.

A conferência durou 17 dias. Nela trabalharam mais de 200 bispos. Deram-lhe cobertura publicitária cerca de 300 jornalistas, de todos os continentes. No quarto dia de trabalho da conferência, "o melhor e mais concorrido jornal mexicano, 'Uno Más Uno'", como o define Frei Betto ("Diário de Puebla", 1979, pág. 80) publicou "uma cópia da carta que d. López Trujillo enviou ao arcebispo de Aracaju, d. Luciano Duarte" (o.c. ibidem).

Da citada epístola, frei Betto destaca vários tópicos, no citado livro.

Releva, em primeiro lugar, que o mons. Trujillo, então arcebispo de Medellín, em seu escrito alertava o prelado do Nordeste brasileiro, a respeito da eleição do Celam que ia ter lugar, logo depois, em Los Teques (Venezuela), em março de 1979, para a renovação dos quadros daquela instituição. Durante Puebla, o mons. Trujillo era secretário-geral do Celam e d. Luciano Duarte era o presidente do Departamento de Ação Social do mesmo Celam.

O grito de alarme era um tanto assustado. Mons. Trujillo diz ao seu colega brasileiro que não se poderia chegar às eleições, "como sempre perigosas, sem plataforma ideológica e sem programas concretos e

maduros". E lhe envia um conselho: "Prepara, pois, teus aviões e bombardeiros! Te necessitamos, mais do que nunca, nas melhores condições". Logo eu, pobre de mim, sempre tão cordato e conciliador...

Prossegue frei Betto: "Em seguida, d. Trujillo se refere a conversas que teve em Roma, com d. Aloísio Lorscheider e com o cardeal Landázuri (de Lima, Peru) sobre as 'conclusões que estão emanando da opção desconcertante de Leonardo Boff'." E d. Trujillo continua: "Me disse d. Aloísio Lorscheider que a conferência episcopal do Brasil (CNBB) estaria preparando uma espécie de advertência a Leonardo Boff. Oxalá isso ocorra" (o.c., pág. 81).

Na realidade, digo eu, d. Aloísio Lorscheider nunca pensou seriamente em advertir o referido franciscano. Esse frade é de um irredentismo incurável. E d. Aloísio costuma dizer a seu respeito: "Leonardo Boff foi meu aluno e é um bom menino"...

A famosa carta que analisamos encerra também um juízo de d. Trujillo sobre o sr. cardeal Paulo Evaristo Arns. Eu não tenho nada a dizer sobre esta opinião, estritamente pessoal.

Agora, eis o nosso frei Betto que escreve: "A carta termina com uma ironia que se fez realidade. Escreve d. Trujillo a d. Duarte: —'Se me fuzilam, não deixarás de fazer-me um epitáfio. Te sugeriria, simplesmente, estas idéias: 'Lutou e caiu'."

Pelo visto, frei Betto é um mau profeta. É mesmo (digo-o com uma

ponta de aflição) um falso profeta. Pois escreveu: "É visível o abatimento em que se encontra d. Trujillo, sobretudo tendo em vista sua intenção —já descartada— de ser candidato a presidente do Celam na eleição de março" (o.c. pág. 82).

Ora, leitores, que aconteceu? Dois meses depois de Puebla, os 52 "diretivos" do Celam, representando toda a América Latina, se reuniram em Los Teques, na Venezuela. Em eleição livre e secreta, elegeram d. Trujillo para presidente do Celam e este modesto escriba para o cargo de 1º vice-presidente do mesmo Celam.

Estava dada a resposta à ignomínia da "escabrosa" carta de Puebla.

Quando sucessos mal-sucedidos, dentro da Igreja, vêm a público, os católicos entram na nuvem da perplexidade. Por isto, em casos que tais, costumo calar-me. O que fiz, até hoje. Mas, julgo que, neste momento, chegou a hora da verdade. Não somente a manobra abominável dos "progressistas" ganhou, na ocasião de Puebla, as manchetes de todos os jornais importantes dos cinco continentes, como, ainda hoje, frequentemente, os adeptos da Nova Igreja Anti-Romana, no Brasil, ao falarem em meu nome ou escreverem sobre mim (que honra!) fazem uma velada e perversa alusão à famigerada carta.

Pois aqui está a verdade toda. Não, eu não sou dono da verdade. Nem eu, nem ninguém. A verdade é

dona dela mesma. E exige ser respeitada.

A imoralidade do "affair" não está no conteúdo da epístola. Pois cada pessoa tem o direito de escrever o que pensa. A ignomínia, asquerosa deste assunto está é nas manobras antiéticas dos que maquinaram o falso escândalo. Aqui vão os fatos. O Celam tinha, em 1979, em sua sede em Bogotá, um funcionário que era um ex-guerrilheiro, supostamente arrependido, vindo de outro país. Hoje se sabe, com certeza moral, que ele foi quem roubou a fita gravada, onde d. Trujillo deixara uma carta para mim, a fim de que sua secretária a copiasse à máquina. A fita roubada foi levada ao México. A carta é escrita em dezembro de 1978. Os "progressistas" a levaram ao México e ali a entregaram ao jornal mais lido e mais anticlerical do país: "Uno Más Uno". No dia 1º de fevereiro de 1979, o periódico estampou, ruidosamente, o documento.

E agora, o mais grave: a Conferência de Puebla se realizou no seminário daquela cidade, em recinto fechado, ao qual só se tinha acesso depois de vencer-se um forte controle. Naquela lastimável manhã de 1º de fevereiro de 1979, eu vi bispos e sacerdotes assessores brasileiros, todos "progressistas", distribuindo a famosa carta entre os bispos participantes da Conferência...

D. LUCIANO CABRAL DUARTE 63, doutor em Filosofia pela Universidade de Sorbonne (França), é arcebispo de Aracaju (SE).

Folha de São Paulo 28-XI-1988